

**LITURGIA, SÍMBOLO, REALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE ROMANO
GUARDINI E XAVIER ZUBIRI**
***LITURGY, SYMBOL, REALITY: A DIALOGUE BETWEEN ROMANO GUARDINI
AND XAVIER ZUBIRI***

Rodrigo José Arnoso Santos¹ 



DOI.ORG/10.57147/ESPACOS.V33I01.932

Recebido em: 06/10/2025

Aprovado em: 30/10/2025

Resumo

O Concílio Vaticano II, por meio da publicação da sua primeira constituição denominada *Sacrosanctum Concilium*, promoveu uma verdadeira virada copernicana na vida litúrgica da Igreja. No entanto, precisamos ressaltar que este documento é fruto de um longo processo, que encontra nesta importante publicação conciliar, um salutar ponto de chegada e uma mola propulsora, que lança a liturgia da Igreja, em novos tempos. Para tratar deste novo tempo para a vida litúrgica da Igreja, que teve o seu início na passagem do século XIX para o século XX e que se estende até os nossos dias, colocaremos em diálogo o teólogo Romano Guardini e o filósofo Xavier Zubiri. Tendo como ponto de partida, alguns termos, estudados por estes dois pensadores, teremos a oportunidade de entender a importância de viver a liturgia como momento fundamental de atualização da *historia salutis*, a partir da realidade do mistério celebrado, pois como afirmavam já os antigos padres da Igreja, a liturgia é teologia primeira.

Palavras-chave: Liturgia, símbolo, realidade, mistério, celebração.

Abstract

The Second Vatican Council, through the publication of its first constitution called *Sacrosanctum Concilium*, promoted a true Copernican turnaround in the liturgical life of the Church. However, we must emphasize that this document is the fruit of a long process, which finds in this important conciliar publication a salutary point of arrival and a driving force that launches the liturgy of the Church into new times. To address this new time for the liturgical life of the Church, which began at the turn of the 19th century into the 20th

¹ Presbítero da Congregação do Santíssimo Redentor. Doutor em Teologia Cristã pela PUC-SP e Mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico di Roma, Ateneo Sant'Anselmo. É Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Litúrgica e Inteligência Senciente da PUC-SP. Auxilia na coordenação do Grupo de Pesquisa Estudos das Fontes Litúrgicas do ITESP. Docente de Liturgia e Teologia Sacramentária no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP) e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). É secretário-executivo da Associação dos Liturgistas do Brasil – ASLI. Tem algumas pesquisas publicadas em Revistas Acadêmicas e Anais de Congressos. E-mail: rja.santos@itespteologia.com.br

century and continues to this day, we will bring together theologian Romano Guardini and philosopher Xavier Zubiri. Taking as a starting point some terms studied by these two thinkers, we will have the opportunity to understand the importance of living the liturgy as a fundamental moment of updating the *historia salutis*, based on the reality of the mystery celebrated, because as the ancient Fathers of the Church already stated, the liturgy is the first theology.

Keywords: Liturgy, symbol, reality, mystery, celebration.

Introdução

A Igreja assistiu na passagem do século XIX para o século XX o surgimento de importantes movimentos ao seu interno, que indicavam à necessidade de mudanças profundas em seu modo de celebrar o mistério da fé, de realizar as suas atividades de evangelização, a construção do seu pensamento teológico, bem como os meios utilizados para se estabelecer o diálogo com as realidades externas a ela. O mundo estava passando por importantes transformações e diante disto a comunidade eclesial não poderia se omitir. A omissão diante destas grandes transformações poderia configurar-se para ela, como um auto suicídio. A Igreja não precisava se deixar absorver pelo mundo, mas era preciso pensar como dialogar e propor a fé, em um mundo marcado por constates transformações. Já se fazia urgente, reimaginar os modos de anunciar o Evangelho. “O Vaticano II, sob a guia do Espírito Santo, iniciou uma nova etapa na história da Igreja. É necessário manter vivo o seu impulso original, e testemunhar, sua ânsia missionária de anunciar o Evangelho de uma maneira nova” (Madrigal, 2017, p. 21).

Diante desta realidade, não demorou muito para aparecer um grande número de estudiosos que ajudaram a Igreja a dar passos significativos, na sua estrada de transformação. Este processo de transformação, pelo qual passou a Igreja, sobretudo com a abertura do Concílio Vaticano II, não deve ser entendido, como uma busca pela sobrevivência da Igreja, no mundo contemporâneo. Este momento que se estende até os nossos dias deve ser compreendido, como uma resposta aos apelos do Espírito, que se faz presente, nas mais diversas realidades onde a Igreja está e deve fazer ver e sentir a proposta do Reino, seja por meio da celebração do Mistério Pascal, pelo anúncio dele ou no seu fazer teológico.

Tendo os olhos fixos nas mudanças experimentadas pela Igreja, a partir do surgimento dos movimentos Litúrgico, Bíblico e Patrístico, o que intentamos com este

nosso estudo é apresentar o pertinente diálogo que a Igreja deve estabelecer entre teologia e outras ciências, para pensar e repensar as suas práticas litúrgicas, pastorais e de evangelização. A comunidade eclesial não pode estar no mundo isolando-se dele. Deve ela despertar em seus membros, o desejo por uma visão mais ampla da realidade, que a torna capaz de enxergar ao longe, engendrando assim, processos de mudanças, a fim de que ela responda a sua vocação de profeta do Senhor e de continuadora do espírito de serviço de Jesus.

O Espírito do Cristo ressuscitado está vivo e operante em todo ser humano. Ninguém vive sozinho e abandonado, privado da bênção de Jesus Cristo. Ainda que muitas vezes o esqueçamos, sobretudo em nossos planos e projetos, Deus também está atuando na Igreja e fora dela. Deus continua atraindo e conduzindo seus filhos para a salvação (Pagola, 2020, p. 57).

Para compreendermos a importância da interdisciplinaridade na construção da Teologia Litúrgica, neste nosso estudo colocaremos em diálogo os pensadores Romano Guardini e Xavier Zubiri. Do primeiro aprenderemos a valiosa necessidade de nos formamos, para bem participarmos da Liturgia e com o segundo entenderemos o importante significado do vocábulo realidade, que nos ajudará a compreender a presença de Cristo na liturgia, que deve ser inteligida, pelos discípulos do Senhor como *fons et culmen* de toda a vida cristã. “A liturgia é uma realidade para ser redescoberta, celebrada e vivida na sua intensidade” (Paranhos, 2022, p. 10).

1. Repensando a vida litúrgica da Igreja

A Igreja assistiu na passagem de 1800 para 1900 um movimento que indicava à necessidade da promoção de uma reforma teológica, litúrgica e pastoral. No que se refere ao campo litúrgico, teremos neste tempo o início do Movimento Litúrgico. Este trazia em seu bojo a grande intenção de uma renovação da vida litúrgica, a fim de apresentá-la como um direito do povo. Entre os muitos teólogos da liturgia que emergem neste tempo, ressaltamos a figura de Romano Guardini. Nele encontramos a síntese do teólogo e pastoralista. Como filho do seu tempo, pensará a ação litúrgica de uma forma ousada. Filipe Köller estudioso de Guardini afirma:

Quanto a liturgia, já em 1915 Guardini fazia questão de que a missa fosse dialogada, isto é, que a assembleia de fato respondesse à oração litúrgica ou às monições da presidência com aclamações que lhe cabem. Nessa altura, isso era uma novidade, um tanto quanto presente no ambiente monástico, mas ainda bem rara fora dali. E mais: as respostas, nas celebrações presididas por Guardini, eram proferidas não em latim, mas em alemão, seguindo uma tradução realizada por ele mesmo e mais tarde publicada no formato de livretinhos bastante acessíveis. É possível também que, já nesta época, Guardini presidisse a celebração com todos ao redor do altar, *coram populo*, como fará mais tarde em Rothenfels e em Munique. Não custa lembrar: a convocação do Concílio Vaticano II só ocorrerá dali a mais de quarenta anos (Köller, 2024, p. 35)

No que tange a liturgia, Guardini se dedicará a redação de muitas obras, que visarão formar os membros da comunidade eclesial para e pelas ações litúrgicas. Além da formação acadêmica, este teólogo ítalo-alemão se dedicará também ao acompanhamento de grupos juvenis, com os quais fará importantes experiências que contribuirão para a construção de um sólido pensamento litúrgico, que se colocará, com o advento do Concílio Vaticano II a serviço da busca dos meios para a promoção da participação ativa, consciente, plena e frutuosa dos cristãos na liturgia (SC 11).

O pensamento litúrgico guardiniano, nasce no seio de uma Igreja, que na sua prática pastoral, observava que a liturgia já não era mais vivida pelas comunidades eclesiais, como encontro com o mistério. O imobilismo tinha contaminado as assembleias cristãs, que se alimentavam mais das devoções populares do que da própria liturgia. Tal situação precisava ser transformada. Era preciso resgatar a teologia da liturgia, em vista da superação de um estéril esteticismo e juridicismo, que em nada motivava a vivência da celebração como oportuno momento de atualização da *historia salutis*. Para Guardini:

A liturgia é antes de mais nada o instrumento da salvação. É da sua verdade e do seu valor de vida cristã que se trata para nós. Ao pronunciar as orações e os salmos, não queremos nem buscamos senão louvar a Deus. Quando participamos na Missa, o que importa é reconhecer que estamos então mesmo à beira do manancial da graça. (Guardini, 2017a, p. 94).

Em sua prática pastoral, Guardini conseguiu inteligir à necessidade de um diálogo maior com o tempo, a fim de promover uma liturgia como *fons et culmen* de toda a vida cristã. Recuperar a teologia da liturgia era entregá-la novamente como um direito do povo

de Deus. Pois é tarefa da ação litúrgica, promover o encontro da assembleia com o mistério da fé e não o seu distanciamento.

A liturgia não se refere a um conhecimento, mas à realidade. Existe um conhecimento sobre ela, a ciência litúrgica, e também um conhecimento nela: o processo litúrgico inclui uma compreensão. Não é fácil falar sobre isso hoje, pois a liturgia quase desapareceu da nossa consciência religiosa. Porém, a liturgia em si não é apenas conhecimento, e sim uma realidade completa, que envolve muito mais do que apenas o compreender: envolve um fazer, um ordenar, um ser (Guardini, 2023, p. 51).

No conjunto da obra guardiniana, a grande contribuição para o repensar a vida litúrgica da Igreja, está no livro publicado em 1923 com o título *Formação Litúrgica*. Nas linhas deste texto o autor faz emergir os caminhos a serem percorridos pela comunidade eclesial, a fim de que ela viva a partir e pela liturgia. A obra antecipa o que depois o Concílio Vaticano II, fará notar na *Sacrosanctum Concilium*: para se pensar a reforma e renovação da liturgia e conseqüentemente a sua acolhida, faz se mister formar o povo de Deus, em vista de uma participação ativa. A liturgia não tem em primeiro lugar uma tarefa pedagógica, porém por meio dos ritos e preces, somos formados para a realidade do mistério que somos convidados a celebrar.

A obra *Formação Litúrgica* de Romano Guardini, nasce dentro do contexto da primeira fase do Movimento Litúrgico. Nesta fase, os pais deste movimento, lançaram as bases e os princípios, que viria gerar no futuro, uma verdadeira virada copernicana no campo da vida litúrgica da Igreja. Reformar e renovar a liturgia, não se configurava como uma tarefa tranquila. A primeira tarefa que se apresentava à comunidade eclesial era a de gerar um processo de mudança de mentalidade acerca do sentido da liturgia. A segunda tarefa era resgatar o sentido teológico da liturgia. A terceira tarefa clamava pela concretização de uma ampla e profunda renovação dos livros litúrgicos. A quarta tarefa seria a de conduzir à comunidade eclesial a inteligência de que a liturgia é uma grande escola de espiritualidade cristã. A quinta tarefa fundamental é aquela de promover uma participação ativa de todos os membros da comunidade eclesial, nas ações litúrgicas da Igreja.

A mudança de mentalidade sobre o sentido da liturgia, se deu no ato da visita às fontes litúrgicas, que começaram a ser descobertas na passagem do final de 1800

para 1900. O encontro destes antigos documentos, cooperou para o início de um processo que resgatou o sentido da liturgia como ação do povo. Isto deu início a um processo frutuoso de superação de um pensamento jurdica e estético, em relação à liturgia. O retorno às fontes, gestou um conceito de liturgia, ligado a ideia de celebração memorial do Mistério Pascal. Na ação litúrgica Deus se revela aos membros da comunidade eclesial, de quem Ele é Pai. Por isso, a liturgia não se resume as normas que regem as celebrações da Igreja, mas a uma ação da comunidade eclesial, que participa e celebra o grande mistério que é Cristo. Desse modo, toda ação celebrativa da Igreja é Trinitária. “A natureza da vida litúrgica está em conduzir o indivíduo e a comunidade pelo caminho de um determinado comportamento religioso-cultural (Guardini, 2023, p.52).

A partir da leitura das fontes, a busca por um novo sentido para a liturgia, revelou-se como um exigente trabalho para os teólogos, que lançaram os alicerces da reforma e renovação da vida litúrgica da Igreja. Se por meio da liturgia a Igreja recebe a sua identidade e a faz ver ao mundo, se fez mister resgatar o significado teológico da liturgia, pois é daqui que decorre a recuperação do sentido da sua sacramentalidade. Ela não é mera repetição de ritos. Não é apenas o pronunciar de palavras, nem mesmo apenas a execução de alguns gestos. “A nossa vida inteira deveria ser vizinha da eternidade. Deveria haver sempre em nós o recolhimento, que se abre ao Eterno e está atento a quanto nos diz. Mas a vida é tão buliçosa que não deixa ouvir a voz da eternidade” (Guardini, 2017b, p. 72). A liturgia é uma ação que envolve o ser humano na sua totalidade, o lançando na realidade do mistério, que é apreendido pelo ser humano de forma primordial, e por isso mesmo, nele permanece impresso.

Todavia, colocando-se em marcha o ser humano deseja conhecer o que este mistério significa em realidade. Por isso, uma simples apreensão, lança o ser humano em apreensões ulteriores de logos e razão que o ajudará a inteligir Deus como o fundamento do real. Através da apreensão, a realidade se atualiza. Desta forma, podemos afirmar: “Como a atualização primordial é senciente e acontece em impressão, a inteligência ulterior é ulterioridade impressiva: por isso, o logos é senciente e a razão é senciente a ulterioridade é fundada na própria estrutura da impressão de realidade” (Zubiri, 2011a, p. 203). Liturgia é ação de um povo, que se reúne para celebrar o Mistério Pascal, que se atualiza na história e já nos faz regustar o que desfrutaremos plenamente da eternidade.

Na liturgia celebramos o fundamento fundante do real, que é Deus, por Cristo, no Espírito. Por isso, aqui se recorda que: “O Movimento Litúrgico marca um ponto de virada decisivo ao focalizar a reflexão sobre a ação ritual como fonte de vida espiritual” (Della Pietra, 2024, p. 37).

O sentindo teológico da liturgia se faz ver na necessária e virtuosa revisão e renovação dos livros litúrgicos. A liturgia é algo dinâmico. Tal dinamicidade se faz notar nos livros litúrgicos, que nas suas entrelinhas expressam a salutar *lex orandi, a lex credendi e lex vivendi* da Igreja. Os livros litúrgicos não tem por escopo, criar liturgias que não se comunicam. Mas a sua tarefa primeira é ajudar a comunidade eclesial, na realização da sua oração, experimentando o seguinte movimento: por Cristo ao Pai, no Espírito. Este movimento da oração da Igreja já testemunha o seu saudável dinamismo. Por isso, os livros traduzem em ritos e preces o que lemos e meditamos nas Sagradas Escrituras. Neles os textos sagrados são atualizados e revelam a sua força transformadora. “É aqui que a liturgia se revela verdadeiramente mestra. Ela integra na oração toda a amplitude da verdade” (Guardini, 2017a, p. 19).

Quando os livros litúrgicos são assimilados, pela comunidade em oração, isto é um indicativo de que a liturgia está sendo vivida e acolhida pela comunidade cristã, como uma importante fonte de espiritualidade cristã. O Espírito é aquilo que nos faz caminhar. Nos tira de nossa zona de conforto e nos faz pensar como devemos viver a vida cristã. Desse modo, quando a liturgia é acolhida pela comunidade, como escola primeira de vida cristã, significa que por ela, somos formados no e para vivermos religados, ao mistério que celebramos. Zubiri afirma: “A interna unidade, significativa e eficaz, entre o mistério de Cristo e os ritos litúrgicos, é aquilo a que, de modo mais especial e estrito ainda, chamou São Paulo mistério” (Zubiri, 2010, p. 452). Mistério que não se oculta, mas se dá a conhecer à toda humanidade. No dar-se ao ser humano, Deus permite-se ser apreendido, a fim de buscarmos uma vida plasmada segundo o Espírito de Cristo. A espiritualidade litúrgica nos molda. Desperta em todos os membros da comunidade eclesial o desejo de uma vida, segundo a vida de Cristo. Sobre a oração da Igreja, assim se expressa Guardini: “Sã, forte, simples – tal deve ser a oração. Não há-de romper a corrente que a prende à Realidade nem temer chamar cada coisa pelo seu nome. É necessário que o homem encontre na oração toda a plenitude da sua vida” (Guardini, 2017a, p. 32).

Somente uma experiência litúrgica, entendida como escola de vida cristã, nos conduz a uma participação ativa na ação celebrativa. Tal participação, não pode ser compreendida como um querer fazer tudo, quando nos encontramos para celebrar a memória da Páscoa semanal. “A liturgia não é obra do indivíduo, mas da totalidade dos fiéis” (Guardini, 2017a, p. 33). Participar na liturgia, significa entrar na celebração com todo o nosso corpo. Na liturgia entramos com todo o nosso ser, sobretudo com a nossa inteligência senciente, para atingirmos o Mistério. Por isso, à medida que entro para tomar parte em uma assembleia, consciente do porque estou ali, a vivência e celebração do Mistério se dará e se experimentará de uma forma diversa, ou seja, quando vivemos e participamos da liturgia cristã verdadeiramente, ela nos transforma por si mesma. Isto se dá, pelo fato de que, na liturgia o Espírito é o grande protagonista, que nos ajuda a superar a tentação de tomarmos parte de uma assembleia como mero espectadores. Mas estando reunidos em assembleia desejamos atingir o fundamento absoluto da realidade. “Deus é constitutivamente acessível” (Zubiri, 1994, p. 185).

Estas cinco tarefas apresentadas por nós no confronto com a renovação e reforma da liturgia da Igreja, teve as suas bases no Movimento Litúrgico. Assim sendo, não erramos quando afirmamos que o Vaticano II, no que se refere a Ciência Litúrgica, sempre se configurará como um ponto de chegada e um ponto de partida. O encerramento da primeira fase do Movimento Litúrgico, o lançará agora numa segunda fase, em que os processos se dedicarão em fazer chegar a todos, os ensinamentos do Concílio Vaticano II, em vista de uma bem alicerçada renovação e reforma litúrgicas, em vista da superação de um distorcido conceito de liturgia, que negou a participação do povo, nas ações litúrgicas.

Por isso, para se repensar e reprojetar a vida litúrgica da Igreja, foram necessários pessoas audaciosas, que no Espírito conseguiram fazer a passagem do ritualismo para a ritualidade, de celebração de um sacramento, para a celebração de um Mistério. O qual se atualiza, no confronto com a comunidade eclesial, pois é nesta que somos formados para apreender a inteligência da fé. “Porque Deus é realidade absolutamente absoluta, e, portanto, tudo nele está atualizado na insondável riqueza constitutiva da sua realidade” (Zubiri, 1994, p. 191).

Diante da renovação e reforma da liturgia, um importante elemento resgatado, foi o do sentido do símbolo. É sobre este tema que agora vamos nos ocupar.

2. A importância do símbolo na liturgia

A reforma e renovação da liturgia à luz dos princípios do Concílio Vaticano II, gerou um novo tempo para a vida litúrgica da Igreja. Pouco a pouco ela foi sendo recuperada como um direito do povo de Deus. Por isso, todos são chamados a tomar parte na celebração dos santos mistérios. O que aqui se observa é a recuperação do valor da ministerialidade nas ações litúrgicas da Igreja. Isto se dá, pois os documentos conciliares buscam evidenciar que a comunidade eclesial é formada por um povo sacerdotal.

Entendendo a liturgia como uma ação do povo sacerdotal, que se congrega para celebrar e atualizar o mistério da nossa salvação, os membros da comunidade eclesial são exortados a viverem os momentos celebrativos com todo o seu corpo-espírito-alma. Tal experiência se dá por meio dos *ritus et preces*. Daqui decorre a necessidade da renovação e reforma dos ritos. Era necessário, colocar fim a toda forma de ritualismo, para fazer aparecer no seio da Igreja a força formativa da ritualidade da liturgia. “A realidade Igreja engloba a plenitude do desdobramento cristão na história, pois abarca a plenitude do humano relacionado a Deus” (Guardini, 2023a, p. 140).

Sabemos que um dos esforços, que não alcançou muitos frutos do Concílio de Trento, foi o da valorização da assembleia litúrgica, como espaço de revelação de Deus. Os anos posteriores a este concílio, conduziu a liturgia a uma experiência de imobilismo. A liturgia deixou de ser uma ação do povo de Deus, para transformar-se apenas numa ação do clero. Nasce no contexto deste Concílio, para controlar os novos ritos, a Congregação para os Ritos.

O nascimento da Congregação incrementa o trabalho dos rubricistas, que influenciarão de maneira decisiva a vida litúrgica da Igreja, fazendo da celebração uma cerimônia ou uma função, ou seja, o problema não foi tanto as determinações do Concílio, mas as cabeças que depois pensaram a sua aplicação (Paranhos, 2022, p. 107).

As propostas de Trento para a renovação da liturgia em partes atingiram os seus objetivos. Todavia, o espírito triunfalista, ampliou o hiato entre liturgia e piedade popular. Ao clero cabia realizar os atos litúrgicos, e ao povo acompanhar tais atos apenas como meros espectadores (Paranhos, 2022, p. 110). Tal atitude gerou nos cristãos um

analfabetismo simbólico. Viveu-se por muito tempo um ritualismo estéril, em detrimento de uma fértil ritualidade.

A recuperação da ritualidade litúrgica se observa com o advento do Movimento Litúrgico e com o ressurgimento da Teologia Litúrgica, preocupada em despertar nos membros da comunidade eclesial a consciência do rito, como oração que conduz ao mistério que a comunidade eclesial é chamada a celebrar. Desse modo, a tratativa do tema da ritualidade, nos lança no tema da importância do símbolo para a liturgia. Chauvet, utilizando-se de um estudo de E. Ortigues afirma: “O símbolo não reenvia, como o sinal, à alguma coisa de outra ordem distinta de si mesmo, mas tem por função nos introduzir numa ordem da qual ele mesmo faz parte e que se pressupõe em sua alteridade radical como ordem significante” (Chauvet, 2023, p. 112).

Toda ação litúrgica por si só é simbólica. Os símbolos desde sempre fizeram parte da vida litúrgica da Igreja. Em sua essência sempre foram compreendidos como aqueles elementos litúrgicos, que une a comunidade que celebra, àquele é celebrado. “O homem vai as coisas determinado pelo poder do real; é este poder que nos leva religadamente a constituição de nosso Eu. Este poder se funda na realidade de Deus nas coisas” (Zubiri, 1994, p. 194). Desse modo, na liturgia o símbolo não é o que causa a cisão, mas o que gera a unidade entre Deus, a realidade fundante e os membros da comunidade, que são convocados para se colocarem em oração, conseqüentemente na presença do mistério, que na liturgia se revela de muitas formas.

Falar da presença de Cristo na liturgia é nos reportarmos as diversas formas que ele está presente à comunidade e que nos recorda a *Sacrosanctum Concilium 7*: ele está na palavra proclamada, na assembleia reunida, naquele que preside a oração da comunidade, na celebração dos sacramentos e sacramentais e sobretudo nas espécies consagradas. Estes modos de se fazer presente a *ecclesiam orans*, apontam para as diversas formas simbólicas de Cristo se fazer ver a todo o povo sacerdotal, que é chamado a celebrar. “Nas celebrações sacramentais, com efeito, a fé se expressa no seio de uma encenação ritual em que o corpo próprio de cada um é o lugar de articulação simbólica, mediante gestos, posturas, palavras (ditas e cantadas), e silêncios, do triplo corpo que o constitui como crente (Chauvet, 2023, p. 149).

Deste ponto, se observa que estas formas de presença, representam a superação do imobilismo litúrgico, nos fazendo ver a dinamicidade da liturgia, que encontra no símbolo, uma forma para o estabelecimento da unidade entre Deus e o seres humanos. O símbolo na liturgia é o que religa o ser humano a realidade Deus. “O homem é radicalmente religado” (Zubiri, 2010, p. 439).

A compreensão da força simbólica da liturgia se faz ver nos gestos e palavras utilizados pela ação ritual. Neles contemplamos o Mistério que vem ao nosso encontro. Por isso, a mistagogia ainda continua sendo a técnica mais valiosa, para auxiliar os membros da comunidade eclesial a compreenderem o que somos chamados a celebrar e viver na liturgia.

Em tempos hodiernos, se faz necessário despertar nos membros de nossas assembleias litúrgicas à capacidade da leitura teológica dos símbolos, que nos ajudam a rezar e a estar no coração do mistério. Viver os gestos e contemplar os símbolos litúrgicos sem conhecer o seu conteúdo teológico, é desconhecer o caminho que devemos percorrer para compreender a liturgia como *fons et culmen* de toda a vida cristã. “Na liturgia, o crente não se vê diante de Deus como um ser isolado, mas sim como um membro da unidade que falamos. Quem se dirige a Deus é esta unidade litúrgica, esta coletividade; o fiel não faz mais do que servir-se da voz dela” (Guardini, 2017b, p. 34).

Na *Desiderio desideravi* 44, a comunidade eclesial é chamada a recuperar a dimensão simbólica da liturgia. Superando assim, o distanciamento e a incapacidade do ser humano de captar o sentido dos símbolos. Uma liturgia incompreendida nos seus símbolos, tende a um rubricismo, que engendra o esvaziamento do sentido do Mistério Pascal, razão e fundamento das ações celebrativas da Igreja. Ao tratar da necessidade da formação litúrgica da comunidade que celebra, Guardini afirma:

O ser humano está na liturgia como quem cria e contempla símbolos. Ele ora e atua simultaneamente com o corpo e alma – com o corpo espiritualizado e com a alma que se expressa no corpo. Isso ocorre já na fala. Nela acontece a primeira encarnação da interioridade: o ser humano fala e ouve. Ocorre em cada gesto e ação: a ação é a encarnação visível da interioridade. Assim o ser humano expressa-se e compreende (Guardini, 2023, 72).

Os símbolos na liturgia revelam o seu enigma. Zubiri nos ajuda a entender isto, quando assevera:

O enigma está constituído por uma certa ambivalência de caracteres não facilmente compatíveis. Sem dúvida o caráter do enigma não concerne tão somente ao dizer, mas que concerne ao dito mesmo. O que se diz ou manifesta é enigma porque o dito, o real, é enigmático (Zubiri, 1994, p. 97).

Os segredos que a ação ritual traz em seu bojo, e nos faz tocar aos poucos, como corpo celebrante, nos ajuda a inteligir as notas próprias da liturgia, que nos convidam a celebrar e atualizar o mistério da nossa fé.

Infelizmente hoje, a falta de formação do povo de Deus, para uma vivência mais profunda da liturgia tem nos conduzido a experimentar práticas litúrgicas, que nos fazem regredir a experiências anteriores a renovação e reforma da liturgia engendradas pelo Concílio Vaticano II. É sempre bom diante desta situação escutar o que Guardini já dizia em 1923:

Fica claro o quão pobre a cultura dos tempos modernos se tornou, medida por parâmetros verdadeiramente espirituais, ao compararmos uma cidade antiga, seu estilo de construção, seus costumes e organização, com as grandes cidades de hoje. Aqui não há espaço para comportamento humano, para o simbólico. Por um lado, há um pensar e um querer que pretendem-se espirituais, mas são na verdade abstratos – ou seja, são o que há de menos espiritual; por outro, há a corporeidade material que não tem a ver com o humano, dado que não tem alma – é inumano (Guardini, 2023, p. 74).

O resgate do símbolo na liturgia nos abre as portas para a inteligência da sua sacramentalidade. A nossa participação na liturgia, nos exercita para que através do símbolo atinjamos a realidade fundante da nossa fé, que é Deus, ao qual estamos religados e pelo qual, devemos nos deixar plasmar, no Espírito.

Somente uma vida segundo o Espírito de Jesus, é que torna o ser humano capaz de anunciar o que ele vive e celebra na liturgia, por meio de ritos e preces. “O rito litúrgico é autêntico somente se mantiver estruturalmente a dupla relação com o Evento e com a vida e se colocar em comunicação estes dois polos” (Grillo, 2017, p. 46).

Na ação sagrada o símbolo será sempre comunicação do mistério celebrado, o qual deve envolver todos os membros da comunidade eclesial. Por isso, para Guardini o símbolo na liturgia coloca o ser humano em relação com Mistério Pascal, já para Zubiri ele é o enigma que nos faz ver as notas que nos ajudam a celebrar, o fundamento absoluto

da existência humana que é Deus, que se revela a todos como uma *alter*, por isso, dele podemos nos aproximar.

Daqui decorre pensarmos na força mistagógica que comporta um símbolo. A sua razão de ser não está em falar de si mesmo, mas de nos conduzir a uma realidade que está nele, mas é outrem. A riqueza simbólica dos ritos está no fato de que eles não falam de si mesmos, mas colocam a comunidade eclesial em marcha, a fim de que ela atinja, a verdade que a própria ritualidade da Igreja, deseja fazer ver e sentir pelos seus membros.

O processo de renovação e reforma dos ritos gestou uma nova forma da assembleia se colocar diante dos símbolos litúrgicos e experimentá-los como vias de acesso ao Mistério Pascal. Aqui se pode afirmar que os símbolos na liturgia, auxiliam os discípulos do Senhor a sentir e testemunhar a sua presença atuante e transformadora. Por isso, precisamos resgatar o estupor da liturgia.

O estupor é parte essencial da ação litúrgica, porque é a atitude de quem sabe que está diante da peculiaridade dos gestos simbólicos; é a admiração de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em uma referência a um conceito abstrato; mas, sim, em conter e expressar, concretamente, aquilo que significa (DD 26).

Partindo do símbolo na liturgia, tomamos consciência da necessidade da sua compreensão em vista de uma participação ativa e da necessidade de sermos educados para bem participar da ação litúrgica. Isto se configura como um importante tarefa, pois na liturgia não somos meros espectadores, mas membros de um corpo celebrante.

Se o símbolo nos forma para uma vida litúrgica que procura transformar a existência humana, daqui podemos intuir que: toda ação litúrgica só tem sentido, quando o símbolo nos faz celebrar a partir da realidade do mistério, fundamento da nossa vida de fé. Desse modo, na continuidade de nossa reflexão, o que por ora desejamos abordar é o tema da realidade do mistério, que nos impulsiona a celebrar e a continuar a nossa peregrinação ao coração do mistério. O símbolo nos faz sempre marchar ao encontro do mistério.

3. Celebrando a partir da realidade do mistério

Na esteira das orientações do Movimento Litúrgico e depois dos padres conciliares, a Ciência Litúrgica, no processo de reforma e renovação da liturgia resgatou

a sua dimensão mistérica. Isto auxiliou para tirá-la de um imobilismo estéril, que acabou gestando um ritualismo incapaz de revelar e comunicar a realidade do Mistério Pascal, que a comunidade eclesial é chamada a celebrar, quando a Igreja, por Deus é convocada a reunir-se em assembleia, em Cristo, no Espírito. Esta celebração faz com que o Mistério se torne atual, pois ela se configura como um memorial. Biffi falando do memorial assim se expressa:

A liturgia recorda: é uma memória e a ela introduz a Igreja e o homem. Na liturgia forma-se e cresce a consciência que o desígnio do homem já está estabelecido, que não lhe compete inventá-lo, que ele é projetado pela iniciativa divina que concebe o homem, cria-o e o faz vir ao mundo em Jesus Cristo Redentor. Em outros termos, não é o homem que se dá um significado, que se autoinventa: somos precedidos por Deus e pelo seu plano, a quem compete a invenção (Biffi, 2022, p. 18).

A assembleia é um *locus theologicus*, da manifestação do Senhor. Nela a comunidade escuta a Palavra, a medita e a reza, mas também se alimenta do pão e do vinho consagrados, que ao Pai foram apresentados, como fruto do trabalho do homem e da mulher e que agora pela oração da Igreja e no Espírito, tornam-se alimento de salvação. Reunidos em assembleia, podemos acolher a força da revelação de Deus. Neste sentido Ele não se revela no vazio, mas se faz experimentar e sentir na realidade: “O homem é experiência de Deus. E é experiência de Deus formalmente, enquanto é um ser relativamente absoluto, de modo que a experiência da sua própria relatividade absoluta é justamente a experiência de Deus, por que é a experiência do absoluto” (Zubiri, 1984, p. 328).

Desde os primórdios da Igreja até os nossos dias, os cristãos foram exortados a se reunirem em assembleia a fim de prestar um culto a Deus, em Cristo, no Espírito. Esta ação é envolvida por um mistério. Por isso, na experiência cristã, o mistério não é algo que se oculta, mas que se faz ver e sentir nos gestos, sinais, símbolos e movimentos próprios da liturgia. “O mistério celebrado é, ao mesmo tempo, memória de uma libertação realizada que se atualiza e perdura no compromisso de amor e fidelidade a Deus e aos homens” (Boróbio, 2009, p. 94).

A realidade do Mistério Pascal envolve todos os passos de uma celebração litúrgica. As partes que compõem uma celebração se unem entre si pela força do mistério, que dá sentido a cada uma das partes da ação litúrgica. No ato celebrativo, somos

exortados a celebrar a memória dos santos mistérios da paixão, morte e ressurreição de Jesus, que se atualizam na vida da comunidade eclesial, em oração e a partir da sua realidade. Isto se dá, pois, “a inteligência humana é estruturalmente senciente: apreende o real sentindo de sua realidade. Graças ao momento senciente de sua inteligência o homem está na realidade e pode realizar a sua vida com as coisas reais” (Cambres, 1993, p. 30).

O estar e celebrar a partir da realidade, emerge da recuperação da Teologia Litúrgica. Ao recuperá-la, por meio dos seus ritos e preces, a comunidade eclesial testemunha o resgate da sacramentalidade da liturgia. Isto nos faz ver, que a liturgia não é uma pura repetição ritual, mas um memorial, que tem a sua origem no Mistério Pascal. Aqui se pode corroborar que: “O importante é insistir que celebrar é ato fundado em apreensão primordial de realidade, e não, em si, ato afirmativo do pensamento, ou momento declarativo do que apreendemos primordialmente” (Costa, 2017, p. 215).

Este mistério que celebramos é uma realidade que se dá a conhecer, a uma Igreja que é chamada a se alimentar, em sua ação missionária, da liturgia. Esta deve ser sempre acolhida, pelos membros da comunidade eclesial, como um lugar de chegada e um porto de onde se parte para anunciar o Evangelho de Cristo, a todos os povos. “A primeira comunidade cristã confessa que o Senhor é Jesus Cristo: Tudo se cumpre em Cristo, também o culto; tudo é sinalizado do evento, isto é, do Mistério Pascal, e tudo ganha sentido apenas em Jesus (Paranhos, 2022, p. 17).

É a partir da realidade do Mistério Pascal, que a comunidade eclesial é chamada a celebrar as suas ações litúrgicas. Os símbolos próprios da liturgia, nos ajudam a entender a realidade do mistério, que testemunha a dinamicidade da oração da Igreja, que recorda e atualiza a história da salvação no tempo. O mistério se faz ver nos ritos, nas orações e nas celebrações do próprio do tempo.

A vida humana é marcada por ritos. A experiência destes vai nos auxiliando no processo de amadurecimento pessoal e social. Em nossa vida de fé os ritos assumem um papel fulcral. Com o auxílio deles, somos introduzidos no coração da realidade do mistério da nossa salvação. Experimentamos a ação trinitária de Deus, em favor de toda humanidade. No rito, temos os passos que nos possibilitam entrar na vida de Deus, marchando para que nos coloquemos plenamente em sua presença. O rito nos permite

entender a Deus sencientemente. “Deus é percebido pelo homem na direcionalidade da realidade na direção como seu fundamento constituinte. À religião ao poder do real e a seu fundamento, ou Deus dando-se nas coisas, o homem pode responder entregando-se à realidade fundante” (Nizinski, 2016-2018, p. 75).

Estar na presença de Deus, significa estabelecer com Ele uma relação de intimidade, que nos permite experimentá-lo e apreender o sentido da sua presença atuante entre os seres humanos. A existência do rito, já nos aponta que para atingirmos o Mistério Pascal é preciso trilhar um caminho, que nos faz viver e acolher o modo de Deus atuar na história, a fim de que a sua criação atinja a sua plenitude.

Sem dúvida, a linguagem mais perfeita de Deus Pai é esse diálogo com o homem mediante símbolos, o que se cumpriu por intermédio de seu Filho Único feito homem que viveu nossa vida em nosso mundo. A Palavra de Deus Pai não é apenas o que Jesus disse verbalmente, mas também os gestos de amor que realizou entre os homens (Fernández, 2011, p. 89).

Aqui precisamos ressaltar que as atitudes geradoras do ritualismo, em nada contribui para que a liturgia seja vivida em sua plenitude. São elas sempre obstáculos, que não permitem ao ser humano batizado, participar da vida de Cristo, sobretudo da realidade do seu mistério.

O mistério recordado na ação litúrgica, nos faz ver e acolher o Senhor que se autocomunica, à sua comunidade. Aqui é fundamental ressaltarmos, que à luz da Teologia Litúrgica, o rito já é oração. Ele desperta, o que dele participa, um profundo diálogo com a realidade fundante da fé que é o próprio Cristo.

A realidade Cristo é uma realidade invisível, existente no mundo desde o princípio porque, “nele que foram criadas todas as coisas [...] Ele é a cabeça de tudo o que existe, ele é o primogênito de toda criatura” (Cl 1,15-16); portanto, é aquele que guia, que move, que está no princípio da criação. A criação não o vê, não o sente, mas ele é o primeiro e está na criação (Marsili, 2010, p. 76).

Em tempos hodiernos é preciso evidenciar que: dado o desconhecimento que temos do sentido de um rito e a sua riqueza simbólica, hoje muitas das nossas ações litúrgicas evidenciam mais o eu do que o nós. A instrumentalização da ação ritual, acaba promovendo o hiato entre o que celebra e aquele que é celebrado. Sobre isto Guardini chama a nossa atenção quando assevera: “A liturgia não diz ‘eu’, mas diz ‘nós’, exceto

nos casos excepcionais em que a ação litúrgica exige expressamente o singular (como por exemplo quando se trata de uma declaração de vontade pessoal, ou em determinadas orações do bispo, do presbítero, etc.) (Guardini, 2017a, p. 33).

Ao lado do rito temos a oração da Igreja, que sempre nos convida a celebrar uma teologia, que encontra na ação sagrada a sua atualização. A oração da Igreja tem uma estrutura bem clara, que nos coloca, quando bem rezada na presença do mistério. Aliás em cada termo teológico utilizado para construção de um texto eucológico, podemos colher o mistério que somos chamados a celebrar. “Na liturgia oramos enquanto membros da Igreja: ela permite-nos alcançar o reino situado acima do indivíduo, e porque está acima de todas as épocas, a todos os lugares (Guardini, 2017a, p. 53).

Em uma ação litúrgica a utilização do livro próprio para a celebração não é uma decisão de quem preside a celebração. Mas é um sentir com a Igreja, que por meio da sua oração, recorda nos qual é o alicerce próprio da comunidade eclesial.

O rito em nossa experiência celebrativa, assume a tarefa de nos conduzir ao mistério. Abre-nos as portas de acesso para penetrarmos no Mistério Pascal, que deve envolver toda a vida litúrgica da comunidade eclesial. Entre as muitas novidades da reforma e renovação, engendradas pelo Vaticano II, está a de fazer ver a realidade do mistério, que dá a liturgia a sua característica sacramental.

Ainda precisamos evidenciar, que a realidade do mistério, que fundamenta as nossas celebrações se faz notar por meio do próprio do tempo. A Igreja no decorrer de um ano é sempre convocada a recordar o mistério de Cristo, que se faz ver na celebração memorial, em que recordamos o seu nascimento, vida missionária, paixão, morte, ressurreição e ascensão. Estas celebrações são experimentadas no decorrer do Ano Litúrgico, onde Cristo mesmo se faz ver à sua comunidade.

No decorrer do Ano Litúrgico fazemos presentes e por conseguinte atualizamos as ações de Cristo, junto aos seus discípulos, em favor do anúncio do Reino. Ao celebrá-lo a Igreja toma consciência da sua identidade missionário, que a faz na sua essência, continuadora dos passos de Cristo, os atualizando na história da salvação. Na celebração do Ano Litúrgico, marchamos ao encontro do Senhor. Desse modo, afirma-se: “Cada liturgia revela e difunde a íntima comunhão da Igreja com Cristo: pelos ritos realizados em sua memória deve transparecer sua alegria de encontrar-se com Ele, que é

continuamente a razão de sua existência, a fonte de sua vida, o sustento de sua caminhada” (Biffi, 2022, p. 124).

Todavia, é preciso recordar que a celebração a partir da realidade do mistério, exorta a comunidade eclesial a recordar da vida de Maria em relação ao mistério de Cristo e da Igreja, bem como a celebração do testemunho dos santos e santas, como exemplos daqueles que conseguiram inteligir a realidade mistérica da comunidade eclesial, que é chamada a ser sacramento de salvação no mundo. “O culto litúrgico é rico de profunda sensibilidade, de uma afetiva expressão forte e por vezes apaixonada” (Guardini, 2017a, p. 20).

Como podemos observar a realidade do mistério, que é o próprio Cristo envolve toda a vida da Igreja. Desse modo, torna-se impossível falar de ação litúrgica sem nos referirmos a ela. Cristo não está fora da história, pelo contrário Ele é o enviando do Pai, para conduzir a plenitude a *história salutis*. Nas ações litúrgicas da Igreja está história celebrada, se faz realidade em favor de todos. Por isso, não é demais afirmarmos que a liturgia, é ponto de chegada e de partida para toda a vida cristã.

Não podemos pensar uma comunidade eclesial, que não encontre na liturgia a fonte de energia para toda sua vida e ação missionária. O mistério que se registra e se faz ver nas páginas das Sagradas Escrituras, na liturgia se torna realidade ao ser celebrado por meio de ritos e preces, que nos remetem ao Ano Litúrgico, onde num tempo determinado, recordamos e atualizamos a ação missionária de Cristo e dos seus discípulos, que animam a Igreja de hoje a continuar a mesma tarefa da Igreja de ontem, contemplando os sinais dos tempos.

Diante do Mistério Pascal, como Igreja, precisamos nos deixar formar, ou se quisermos, religados a Deus, nos deixarmos plasmar pelo seu Espírito. É urgente a necessidade de nos deixarmos formar na e pela liturgia. Assim sendo, o próximo passo que daremos é o de refletir sobre a dimensão performativa da liturgia, mantendo o diálogo entre Guardini e Zubiri.

4. A liturgia e a sua dimensão performativa

A consciência de que na liturgia somos convidados a atualizar e celebrar o Mistério Pascal, nos impulsiona pensar o seu caráter performativo. Por mais, que a sua

tarefa primeira não seja pedagógica, nelas somos formados para uma profunda vida de fé, pois é Deus mesmo que nos convoca para vivê-la. Zubiri nos ajuda a compreender quem é este Deus que nos chama a viver a liturgia, como realidade sacramental, quando assevera:

Deus é a realidade absolutamente absoluta como ultimidade, possibilitação e impelência, que está formalmente presente nas coisas reais constituindo sua realidade, a qual é *eo ipso* deidade e manifestação de Deus, não de um modo geral e abstrato, mas em toda concreção que se nos descobre na história. Tal é a realidade de Deus, justificada pela via da religação (Zubiri, 1994, p. 157).

Temos insistido neste nosso estudo que o processo de reforma e renovação da liturgia, trouxe novos ares para a reflexão sobre a participação do povo de Deus, nas ações celebrativas da Igreja. Esta participação já havia sido defendida por Guardini. E o mesmo afirmou que está se dá apenas a partir de um processo de educação para a vivência litúrgica. Deixemos Guardini falar:

A liturgia é um mundo de realidades misteriosas e santas presentes em forma sensível: tem por isso caráter sacramental. É, pois, necessário, antes de mais nada, apreender aquele ato vivo, pelo qual o fiel compreende, recebe e executa os santos, “sinais sensíveis da graça invisível”. Trata-se em primeiro lugar de educação litúrgica, não de ensinamento litúrgico, embora este não se deva separar daquela; trata-se de uma orientação, ou pelo menos, de um estímulo a contemplar e a realizar ao vivo os sinais sagrados (Guardini, 2017b, p. 9).

O reconhecimento de que na celebração não entramos como meros espectadores, já é o indicativo de que uma verdadeira liturgia, não permite o congregar de um povo passivo, mas homens e mulheres ativos, que se deixam formar na e pela ação litúrgica. Um dos grandes objetivos do Concílio Vaticano II, na *Sacrosanctum Concilium*, foi o de levar adiante as propostas do Movimento Litúrgico e implementá-las, em favor da renovação e reforma da liturgia da Igreja. Entre as propostas deste movimento está a da formação litúrgica de todo o povo de Deus.

Recentemente, esta preocupação, que por um tempo foi deixada de lado, foi retomada pela Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, do Papa Francisco. Em tempos de tentativas de desmonte do processo de continuidade de implementação dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, para a promoção da reforma e renovação da liturgia, é preciso fazer ecoar, que o Movimento Litúrgico ainda continua vivo entre nós. Por isso, a sua empreita ainda deve ser levada adiante. Tentar finda-lo, antes do atuar de suas propostas

é calar a voz do próprio Espírito. Somente uma comunidade formada para compreender o sentido teológico da liturgia é capaz de redescobrir a sua beleza. Acerca disto a *Desiderio Desideravi* 22, corrobora:

A contínua redescoberta da beleza da liturgia não é a busca por um esteticismo ritual, que se satisfaz no cuidado com a formalidade exterior de um rito ou que se apegue a uma observância escrupulosa de rubricas. Obviamente, esta afirmação, não pretende aprovar, de forma alguma, a atitude oposta, que confunde simplicidade com banalidade desleixada, ou essencialidade com superficialismo ignorante, ou ainda, a concretude da ação ritual com exasperado funcionalismo prático.

Diante de tão importante tarefa a pergunta que nos vem é esta: Como a liturgia pode atuar para formar os membros da comunidade eclesial para uma vida cristã ativa, consciente e frutuosa? Para alcançarmos a resposta desta questão precisamos nos ater a resposta a outras quatro questões a saber: O que celebramos? Por que celebramos? Como celebramos? Para que celebramos?

As respostas a estas quatro questões nascem da urgente necessidade de resgatarmos o estupor da liturgia. Em *Desiderio Desideravi* 26, encontramos o que significa para a liturgia este termo:

O estupor é parte essencial da ação litúrgica, porque é a atitude de quem sabe que está diante da peculiaridade dos gestos simbólicos; é a admiração de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em uma referência a um conceito abstrato; mas, sim, em conter e expressar, concretamente, aquilo que significa.

É muito comum nos perguntarmos sobre o que celebramos em uma ação litúrgica. A resposta para tal questão, encontramos no próprio resgate da Teologia da Liturgia, que busca evidenciar a centralidade do Mistério Pascal, em todas as celebrações da Igreja. Desse modo, o que celebramos é a história da salvação e fazemos isto em memória de Cristo.

Se na liturgia recordamos a história da salvação, por meio de ritos e preces celebramos e atualizamos a Páscoa do Senhor, na páscoa da comunidade. Por isso, as ações litúrgicas não são meras repetições rituais. Elas são em primeiro lugar memorial, recordação de um evento antigo, mas que sempre se torna atual a comunidade que se reúne, em torno de duas mesas a da Palavra e a da Eucaristia. A reunião dos membros da comunidade se dá à luz de um evento pascal ocorrido no passado, mas que a partir da

assembleia reunida, assume um caráter de atualidade, alimentando nos fiéis de hoje a certeza da presença atuante de Deus no tempo cronológico, a fim de transformá-lo em tempo kairológico. Ao se reunirem para celebrar o Mistério Pascal os cristãos devem entender que: “Os primeiros discípulos viveram o encontro com Cristo a partir de seus próprios problemas e contradições. De nossa parte devemos atualizar essa experiência em nosso mundo atual, no interior dos conflitos e da desesperança em que se encontra a humanidade” (Pagola, 2020, p. 95).

Todavia, ainda precisamos nos ater a uma outra questão que nos interpela a saber: como celebramos? A Igreja tem um caminho ritual, que a faz caminhar ao encontro do mistério. É muito próprio da liturgia a dimensão da ritualidade. Através de gestos, símbolos e sinais sensíveis os membros da comunidade cristã celebram a liturgia. Estes elementos assumem uma tarefa fundamental, de conduzir a pessoa que celebra e participa da ação litúrgica ao coração do Mistério da Fé. Na liturgia nos aproximamos da realidade do mistério, por meio da ritualidade. Em tempos hodiernos uma não compreensão da tarefa do rito na liturgia, vem gestando um ritualismo, que faz vir à luz, ações celebrativas estéreis. Incapazes de suscitar homens e mulheres para o seguimento de Cristo. Uma autêntica ação ritual, é sempre um útero a gerar comunicadores do evangelho. Em *Desiderio Desideravi* 38 lemos:

Para os ministros e para todos os batizados, a formação litúrgica, em sua primeira acepção, não é algo que possa ser conquistado de uma vez por todas: uma vez que o dom do mistério celebrado supera a nossa capacidade de conhecimento, esse empenho certamente deverá acompanhar a formação permanente de cada um, com a humildade dos pequenos, atitude que abre ao estupor.

Do como celebramos, chegamos ao para que celebramos. Um dos grandes ensinamentos que podemos colher do Movimento Litúrgico, que terá na *Sacrosanctum Concilium* o seu ponto de chegada e marco de partida é que a liturgia deve ser acolhida como a primeira escola de vida cristã. Com isto é correto então corroborarmos, que os membros da comunidade eclesial celebram, pois encontram na liturgia a energia necessária para se viver a vida cristã. Nela os cristãos devem encontrar os elementos necessários, a fim de não incorrerem no risco de promoverem a dissociação entre fé e vida. Por isso, que Guardini afirma:

A liturgia é autoexpressão do ser humano. Mas ela lhe diz: de um ser humano que você ainda não é. Então você tem de frequentar a minha escola. Primeiro, você precisa se tornar quem deve ser, e até lá a sua autenticidade deve ser, acima de tudo, de discernimento, obediência e disciplina, não de sentimento espontâneo. Você se torna você mesmo, não é deformado, e quem assegura isso é Cristo e a Igreja – ele, que o redimiu, é também quem plenifica a Igreja, e seu Espírito plasma a liturgia. E conforme você se torna você mesmo, sua autenticidade também se torna a do sentimento original (Guardini, 2023, p. 177).

Na resposta a estas quatro questões, encontramos os elementos para pensarmos a dimensão performativa da liturgia. Nas ações celebrativas, que devem ser sempre comunitárias, somos plasmados pelo Espírito, para uma vida segundo o modo de existir de Jesus Cristo. Por isso, pelo fato de ser comunitária a liturgia nos ajuda, a superar o eu para resgatar o seu caráter de reunião dos irmãos e irmãs, em torno de duas mesas.

Esta reunião tem por tarefa alimentar a fé da comunidade eclesial, a fim de que seus membros a viva nas suas relações cotidianas, trabalhando de forma incansável para que a Palavra proclamada e o sacramento celebrando alimentem a vida daqueles fazem parte do corpo de Cristo. Desse modo, a liturgia é sempre promotora de unidade. A unidade é um dos elementos necessários, para que aja a comunhão entre os fiéis, que continuam com o seu existir a presença de Cristo em meio a humanidade. “A assembleia que se põe a celebrar a liturgia eucarística não realiza, portanto, um rito desencarnado, sem um lastro prático e testemunhal que se identifique com a vida e a entrega de Jesus” (Cola, 2020, p. 155).

A tarefa performativa da liturgia, nos faz ver o seu caráter pedagógico-mistagógico. Como já indicamos anteriormente ninguém se aproxima da ação litúrgica como um mero espectador. Entretanto, a nossa participação exige que conheçamos o mistério que celebramos. Faz-se mister sermos iniciados na fé, para entendermos o que somos exortados a viver e a celebrar como membros do corpo de Cristo. “Os corpos ‘eucaristizados’ dos fiéis, ou seja, visitados pela eternidade na celebração dos mistérios da fé, são como prismas que filtram e irradiam para o mundo os novos céus e a nova terra, que ainda hão de coincidir com todo o universo” (Cola, 2020, p. 161).

Daqui decorre afirmarmos que não há vida cristã sem a celebração da liturgia. É nela que encontraremos a força imprescindível para caminharmos como comunidade cristã. Pela sua vivência alcançaremos a superação de toda atitude de

autorreferencialidade, com o escopo de encontrarmos em Cristo, a referência iluminadora de todas as ações dos seus discípulos, em vista da busca pela concretude do Reino.

A liturgia da Igreja como escola, não deve ser vivida de qualquer forma. Deve ela ser sempre experienciada à luz do Espírito, que é o seu grande protagonista. Assim sendo, o que agora ocupará a nossa atenção é entendermos o papel da *ars celebrandi*.

5. A *ars celebrandi* nos conduz ao Mistério celebrado

Entre os muitos termos que encontramos no universo da Ciência Litúrgica, a expressão *ars celebrandi*, vem ganhando um significativo número de páginas, para apresentar o seu significado e importância, para a comunidade celebrante. Entre as muitas razões sobre a atenção que se dá ao termo é a de que, com o resgate da Teologia da Liturgia, a comunidade eclesial, por meio da jovem Pastoral Litúrgica, deu se início a um movimento de preocupação com a arte de bem celebrar.

Contudo, ao abordarmos este tema precisamos tomar cuidado para que ele não seja confundido com uma prática celebrativa que conduza a teatralização da liturgia, com uma observância apenas irrestrita das rubricas, a criação de ritos para tentar aproximar a liturgia do povo e a promoção da participação de todos na liturgia, sem uma regra básica que ajude a manter a harmonia do exercício ministerial, entre aqueles que compõem a assembleia celebrante. Estas e outras maneiras de entender a expressão *ars celebrandi*, acabam por esvaziar, o seu sentido mais profundo. A tratativa desta temática, nos convida a avaliar a qualidade de nossas celebrações. “A qualidade da arte de celebrar, como toda arte, está nas proporções, nos ritmos, na justeza dos relacionamentos, nas maneiras com as quais os elementos se combinam entre eles, nos contrastes etc” (Centro Nacional de Pastoral Litúrgica, 2016, p. 14). Diante disto, falemos um pouco mais, sobre estes equívocos.

A teatralização das ações litúrgicas, vem conduzindo as comunidades eclesiais a viverem as celebrações como um momento de apresentação teatral, onde se busca apresentar o Mistério Pascal, de forma teatral e porque não afirmarmos artificial. Tal prática, esvazia o ato celebrativo do seu sentido memorial, assumindo um caráter de espetáculo, o que serve apenas para satisfazer os egos feridos, e não para alimentar um sentimento, naqueles que dele participam, de pertença ao corpo de Cristo, que é a Igreja.

Com isto a comunidade celebrante é deixada de lado, para se fazer ver apenas o eu celebrante, em detrimento do conceito de povo de Deus, que nos recorda que somos um corpo, formado por muitas partes que celebram. Em contraposição a isto, Guardini afirma: “a liturgia não é obra do indivíduo, mas da totalidade dos fiéis” (Guardini, 2017b, p. 33).

A transformação do ato litúrgico em encenação, se faz ver na adjetivação das celebrações eucarísticas, que traz à luz o desconhecimento, que alguns membros tem acerca do fundamento da ação litúrgica, que é o Mistério Pascal. Com isto, a liturgia acaba sendo instrumentalizada, servindo apenas para defender modelos eclesiais, que caminham na contramão da proposta eclesial, que surge a partir das reflexões do Concílio Vaticano II. A *ars celebrandi* nos ajuda a entender que por meio dos ritos e preces a comunidade de entrega nas mãos de Deus. “Ao entregar-se a Deus o homem se entrega ao mais radicalmente *suyo*” (Zubiri, 1994, p. 203). Na liturgia esta entrega se dá por meio da celebração da fé. Para Zubiri “a fé é em si mesma entrega e é a forma radical de acesso do homem a Deus” (Zubiri, 1994, p. 209).

Um outro mal que assola a liturgia em nosso tempo é a observação irrestrita das rubricas, sem o devido conhecimento do sentido teológico, que as sustentam. Não queremos aqui desconsiderar o valor das normas, que regem as ações litúrgicas. Todavia, o que aqui desejamos evidenciar é que o desconhecimento teológico que as sustentam, faz com que as nossas ações litúrgicas se percam, na prática de ritos, que em nada nos ajudam, a nos encontrarmos com o mistério que somos exortados a celebrar. A arte de celebrar deve no educar para a vivência da celebração litúrgica. Guardini já nos advertia sobre esta realidade nos anos sucessivos ao Concílio Vaticano II afirmando: “para a intenção do Concílio tornar-se realidade, é necessária não só a orientação correta, como também educação autêntica, o exercício pelo qual se aprende o ato” (Guardini, 2023, p. 222).

O não conhecimento do sentido teológico das rubricas, ocasiona a promoção de celebrações, onde se desconhece totalmente o caráter mistagógico dos ritos. Com isto, as ações litúrgicas acabam não sendo vividas pela comunidade eclesial, como escola primeira de vida cristã e fonte perene de espiritualidade.

Uma ação litúrgica vazia de espiritualidade é sinal de que esta é marcada pela criação de ritos vazios de sentido teológico. Tornou-se comum em tempos hodiernos, nos

depararmos com a figura de presidentes de ações litúrgicas, que procuram em tudo cumprir os ritos prescritos pela Igreja, para a celebração de um sacramento ou sacramental. Entretanto, muitos acrescentam a estes ritos, elementos que em nada nos ajudam a entender a liturgia, como participação no mistério sacerdotal de Cristo, em vista da santificação do ser humano. O acréscimo de símbolos, gestos, palavras e sinais aos ritos, em nome de uma inadequada prática de inculturação ou adaptação do rito, as realidades onde eles são celebrados, acaba colocando em xeque o gênio da liturgia romana, isto é, a sua nobre simplicidade.

Os ritos que nos ajudam a celebrar o mistério, não podem ser criados sem critérios teológicos, litúrgicos e pastorais. Devem eles nascer de um profundo conhecimento do Mistério Pascal que somos chamados a celebrar. Na Igreja, toda ação ritual, deve ser entidade como caminho, que nos coloca em marcha para o encontro com o mistério da nossa salvação. A recordação desta realidade mistérica, que envolve toda a liturgia, nos recorda e assegura a liberdade, que só podemos encontrar em Deus e à luz da prática das virtudes cristãs. Por isso:

Uma educação ritual adequada não é entendida como formação para a liturgia, ou ainda como uma série de explicações abstratas, conteúdos bíblicos-catequéticos, morais, esclarecimentos sacramentais, mas se refere a um deixar-se conduzido pela formação que a liturgia mesmo realiza (Marques, 2017, p. 71).

Ainda cabe nos recordar, que não podemos pensar uma prática litúrgica sem algumas regras que possa gerencia-la, em vista de uma saudável participação, na liturgia, por parte de todos os membros da comunidade eclesial. Após o Concílio Vaticano II ou até mesmo antes deste importante evento eclesial, muitos foram aqueles que anunciaram à necessidade de promover a participação na liturgia, de todos aqueles que compõem a assembleia celebrante. O cuidado com a *ars celebrandi*, coopera para tal participação, mas para isto é preciso entender que: “Gestos, palavras e objetos não são simples instrumentos ou pretextos para atingir o mistério de Deus revelado em Jesus Cristo: faz parte do seu ser, da sua carne, poder-se-ia dizer, Deus se manifestar, se deixar entrever, se dar a contemplar” (Centro Nacional de Pastoral Litúrgica, 2016, p. 20).

Entretanto, precisamos recordar que está participação deve ao menos ser normatizada, para que de fato a liturgia seja acolhida pelos membros da comunidade

eclesial, como momento fundamental de encontro com Deus e os irmãos. A participação na ação litúrgica, nasce de uma assembleia formada na e pela liturgia, que se deixa conduzir por uma ritualidade, que gera o encontro entre a Trindade e a assembleia celebrante. “A arte de bem celebrar é a arte de saber inscrever na memória dos fiéis não só intenções de ordem moral, bem como os fatos e os gestos da aliança que nos salva em Jesus Cristo” (Centro Nacional de Pastoral Litúrgica, 2016, p. 37).

Tendo observado alguns males, que na contemporaneidade pode nos induzir a uma equivocada compreensão do que venha a ser a *ars celebrandi*, podemos aqui asseverar, que hoje uma atenta formação, para bem participarmos da liturgia, nos conduz ao entendimento, de que o bem celebrar, emerge de um conhecimento sobre a Teologia Litúrgica, que se faz ver nos ritos e nos textos eucológicos, presentes nos livros litúrgicos. Daqui decorre afirmarmos que: nos livros litúrgicos a Igreja faz ver a sua *lex orandi*, sua *lex credendi* e sua *lex vivendi*.

Na comunidade bem formada ou preparada para celebrar podemos observar: na figura daquele que preside à capacidade para exercer a verdadeira função de mistagogo. Nos membros que compõem a assembleia à capacidade de envolvimento e vivência dos ritos. No leitor que proclama a Palavra de Deus, o próprio Senhor que se dirige ao povo que ele congregou. Já no grupo dos cantores, uma parte da assembleia que se volta ao seu Senhor, em nome da comunidade, com o seu canto de louvor.

Como podemos observar, a *ars celebrandi* não se define apenas pela capacidade de bem realizar os ritos, prescritos para a realização de uma celebração. É também sua tarefa, nos mostrar que toda ação litúrgica tem também, o seu caráter pedagógico. Por isso, por ela somos formados para uma autêntica vida discipular, que exige uma existência iluminada pelos valores cristãos que brotam do Evangelho. Isto porque na liturgia, a comunidade cristã, encontra toda a sua energia e a própria razão de ser, pois como todos nós sabemos: o modo como celebramos, faz ver ao mundo a nossa identidade eclesial.

Conclusão

Nos últimos tempos a Ciência Litúrgica, vem se construindo por meio da interdisciplinariedade. Para isto ela precisa revisitar autores contemporâneos que possa auxiliá-la, em sua importante tarefa, isto é, pensar a liturgia, em suas mais diversas dimensões.

Neste nosso trabalho colocamos em diálogo Guardini e Zubiri. Estes dois pensadores nos ajudam a entender que os símbolos litúrgicos, nos colocam na presença do Mistério Pascal, que é o fundamento primeiro de toda ação missionária da Igreja. Na liturgia encontramos o ponto de chegada e de partida para toda a vida cristã. Nela por meio de ritos e preces, temos acesso a realidade do mistério que deve envolver toda a vida cristã.

Desse modo, hoje se faz urgente, sob a esteira do Concílio Vaticano II investirmos cada vez mais esforços na formação das lideranças cristãs, para uma participação ativa, plena e consciente na liturgia. Na liturgia, não podemos ser meros espectadores, mas devemos vivê-la em sua plenitude. Através das ações litúrgicas, estamos religados ao mistério que somos chamados a celebrar e atualizar. Entretanto, na celebração somos formados, por meio de ritos e preces, para uma vida segundo o Espírito de Jesus.

Após 60 anos da publicação da *Sacrosanctum Concilium*, faz-se necessário, como participantes da comunidade eclesial, povo sacerdotal resgatarmos o estupor e a beleza da liturgia. Para realizarmos tal empreita, faz-se mister pensarmos sempre novos meios formativos, com o escopo de conduzir os membros da comunidade eclesial, que são convocados pelo Senhor para celebrar a viverem e se alimentarem de toda ação litúrgica. Precisamos aqui recordar que toda ação litúrgica é memorial, por isso, atualiza um mistério e não a simples repetição de ritos. Esta celebração memorial é realizada por meio de ações simbólicas, que tornam presente o Cristo, por meio do qual atingimos Deus, a realidade fundante, no Espírito.

Referências Bibliográficas

- BIFFI, Inos. *Liturgia, Sacramentos, Festas*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- BORÓBIO, Dionísio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.
- CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICO. *A arte de celebrar*. Guia Pastoral. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- CAMBRES, Gregório Gómez. *Zubiri y Dios*. Málaga: EDIFORD S.A, 1993.
- CHAUVET, Louis-Marie. *Símbolo e sacramento: uma releitura sacramental da existência cristã*. São Paulo: Loyola, 2023.
- COLA, Gustavo C. O sacramento-assembleia. Teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes Acadêmica – PUCRIO, 2020.
- COSTA, Valeriano S. Inteligência Senciente e liturgia. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: PUC-SP, v. 25n.90, p. 210-233, jul./dez. 2017.
- DELLA PIETRA, Loris. *RITUUM FORMA*. A teologia dos sacramentos à luz da ação ritual. São Paulo: Paulus, 2024.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2007.
- FERNÁNDEZ, Conrado. A sacramentalidade da liturgia, In: VV.AA. Manual de Liturgia CELAM II: a celebração do mistério pascal. Fundamentos Teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: 2011, p. 85-110.
- FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- GRILLO, Andrea. Ritos que educam: os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- GUARDINI, Romano. *Formação Litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023.
- _____. *O Espírito da Liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- _____. *Sinais do Sagrado*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017b.
- KÖLLER, Felipe S. Questão formativa e questão litúrgica em Romano Guardini: formação litúrgica hoje para além da autorreferencialidade In: MARQUES, Luis F. C.; ARNOSO, Rodrigo. *Atualização Litúrgica 7 – Associação dos Liturgistas do Brasil*. São Paulo: Paulus, 2024.
- MADRIGAL, Santiago. *El giro eclesiológico em la recepción del Vaticano II*. Maliaño: Sal Terrae, 2017, p. 31-58.
- MARQUES, Luís F. A Teologia sacramental em Medellín. In: COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA; ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL. *Liturgia e Profecia 50 anos de Medellín*. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 67-72.
- MARSILI, Salvatore. Sinais do mistério de Cristo: Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010.
- NIZINSKI, Rafal S. Xavier Zubiri como místico. *The Xavier Zubiri Review*, Washington: The Xavier Zubiri Foundation of North Americana, n. 14, p. 73-85, 2016-2018.
- PAGOLA, José A. *Anunciar Deus hoje como boa notícia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.
- PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022.
- ZUBIRI, Xavier. *Natureza, história, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010.

- _____. Inteligência e Realidade. São Paulo: É Realizações, 2011a.
- _____. *El hombre y Dios*. Madrid: Alianza Editorial - Fundación Xavier Zubiri, 1994.